

AS MULHERES E DESENVOLVIMENTO LOCAL: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO CULTARTE

Helaine Pereira de Souza¹; Francisca de Paula Santos²

RESUMO: O Cultarte é um coletivo criado por um grupo de artesãs residentes na localidade do antigo quilombo Cabula, após diagnosticarem as demandas comuns a elas, no mercado produtivo. Objetivamos apresentar o perfil dessas mulheres e o modo como estas se articulam de maneira colaborativa, de modo a atuar sobre a feminização da pobreza, investigando trabalho, renda e desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Turismo de Base Comunitária. Redes.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da História, seja contra os longos períodos de fome e carestia, as nuances da escravidão, sob o signo da religião e da caridade, durante os períodos de guerra, peste ou dos períodos obscuros que a delegavam ao ostracismo cultural, político e social, as mulheres constituem redes para que juntas possam encontrar caminhos e soluções de problema que lhe são comuns.

Atualmente, as dificuldades que as mulheres encontram podem ter sido modificadas ou reconfiguradas. Ainda assim, suas redes e associações são comuns em diversas sociedades. Ao pensar nessas redes, temos como lócus a área de atuação do projeto Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno: processo de Incubação de Operadora de Receptivos Populares Especializada em Roteiros Turísticos Alternativos, Responsáveis, Sustentáveis e Solidários (RTUARSS), mais conhecido por Turismo de Base Comunitária no Cabula e entorno (TBC Cabula), engaja treze eixos, que reúnem pesquisadores de diversas áreas.

Especificamente, discutiremos as mulheres que integram o CULTARTE. Um grupo de artesãs residentes na localidade criou coletivo, após diagnosticarem as demandas comuns a elas, no mercado produtivo. Objetivamos discutir o perfil dessas mulheres e o modo como estas se articulam de maneira colaborativa, de modo a atuar sobre a feminização da pobreza, investigando trabalho, renda e desenvolvimento.

1 Doutoranda pelo Programa Multidisciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Coordenadora na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. helainep.souza@hotmail.com

2 Pós-doutora e doutora em Educação, pela Universidade de Coimbra (2006) e Universidade Federal da Bahia (2005), respectivamente. professora e pesquisadora do Curso de Turismo e Hotelaria e programas de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) e Doutorado Multidisciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).fcapaula@gmail.com

2 FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O fenômeno da feminização da pobreza tem sido bastante explorado pelas ciências sociais. No caso brasileiro, as mulheres, se comparadas aos homens, possuem mais anos de escolaridade. Representam metade do eleitorado do país e da força de trabalho. No entanto, segundo dado do Censo (2010), mulheres com registro profissional recebem cerca de 30% a menos que homens na mesma situação. As diferenças salariais somadas aos postos de ocupação, ou seja, setores de trabalhos ocupados segundo gênero, deixaram o Brasil na 80ª posição do ranking de 146 nações, o Índice de Desigualdade de Gênero (IDG), elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Diante desse panorama, que não é apenas brasileiro, podemos afirmar que a pobreza tem gênero. Eis porque se multiplicam os estudos sobre a ‘feminização da pobreza’.

O termo se populariza nos EUA da década de 70 do século XX, após, seguem diversos estudos sobre a maternidade/gravidez na adolescência, mulheres divorciadas e viúvas. Ou seja, as atenções estavam voltadas para lares que fugiriam da composição “desejada”.

Para Sen (2010), a pobreza, não entendida apenas como baixa renda, priva o indivíduo da liberdade, ao passo que o desenvolvimento possibilita a expansão desta. Observando que há diferentes tipologias de liberdade, a privação de uma pode desencadear tantas outras. “A privação de liberdade econômica pode gerar a privação de liberdade social (...)” (SEN, 2010. p. 23). Ao passo que, em outro momento afirma que essas diferentes liberdades podem se fortalecerem entre si.

Ainda segundo Sen, são inúmeras as pessoas que sofrem de privação de liberdade ao redor do mundo. No entanto, as diferenças entre homens e mulheres limitam, em grande medida, as liberdades para o sexo feminino, quando não ceifam a vidas destas, prematuramente. Em suma, “O processo de feminização da pobreza consiste no crescimento (absoluto ou relativo) da pobreza no universo feminino ao longo do tempo” (Costa ET AL, 2012, p. 15).

Por outro lado, o turismo de base comunitária desponta como uma alternativa, um enfrentamento ao turismo tradicional, que não leva em consideração as práticas tradicionais das comunidades, ao contrário serve apenas para manutenção da lógica capitalista. A contramaré do turismo de base comunitária se dá na medida em que comunidade atua de maneira coletiva, em diálogo e colaboração.

Portanto, advogamos que o desenvolvimento de ações como turismo de base comunitária atua no enfretamento da pauperização de mulheres, colaborando para o empoderamento não só das mulheres, mas de maneira geral dos sujeitos que o compõem.

3 AS MULHERES DO CABULO E ENTORNO

Localizadas na área compreendida como Miolo, as 17 localidades que compreendemos por Cabula e entorno têm, juntas, 393249,00 habitantes (IBGE, 2010). Ou seja, 15% da população de Salvador.

O índice de pobreza³ em Salvador em porcentagem é de 5,57%. Nas 17 localidades, o menor índice é do Resgate e o maior é de Saramandaia.

Resgate	0,61
Doron	0,68
Cabula	1,18
Saboeiro	1,28
Pernambués	3,38
Barreiras	3,57
Fazenda Grande do Retiro	5,32
Novo Horizonte	5,44
Beiru/Tancredo Neves	6,08
Narandiba	6,32
São Gonçalo	6,77
Engomadeira	6,97
Mata Escura	7,03
Arraial do Retiro	7,47
Sussuarana	7,59
Arenoso	9,08
Saramandaia	11,17

Se em Salvador o rendimento médio das mulheres responsáveis por domicílios é de R\$1.039,60, percebemos que 15 das nossas localidades estão abaixo desta realidade.

Saramandaia	363,96
Arenoso	400,45
Sussuarana	453,94
São Gonçalo	490,96

³ O índice de pobreza é calculado a partir da população residente em domicílios particulares permanentes, que possuem rendimento nominal mensal domiciliar de até 70 reais per capital. (IBGE, 2010).

Engomadeira	498,73
Arraial do Retiro	521,98
Fazenda Grande do Retiro	531,56
Mata Escura	543,66
Beiru/Tancredo Neves	550,76
Novo Horizonte	555,78
Barreiras	664,19
Narandiba	673,56
Pernambués	729,97
Doron	979,55
Saboeiro	1.418,69
Cabula	1.432,62
Resgate	1.841,66

Em Salvador, 46,19% dos domicílios particulares permanentes têm mulheres como responsáveis. Na área que abrangemos apenas 4 localidades estão a cima dessa média.

Salvador	46,19
Novo Horizonte	40,07
Pernambués	41,69
Barreiras	41,73
Saboeiro	42,37
Cabula	42,90
Arraial do Retiro	43,12
Narandiba	43,53
Sussuarana	43,97
Arenoso	44,12
Mata Escura	44,60
Engomadeira	44,88
Beiru/Tancredo Neves	45,15
São Gonçalo do Retiro	47,75
Fazenda Grande do Retiro	48,19
Resgate	48,91
Doron	50,29

É neste cenário que surge o Cultarte, um coletivo criado por um grupo de artesãs residentes na localidade do antigo quilombo Cabula, após diagnosticarem as demandas comuns a elas, no mercado produtivo. Iniciando sua caminhada em ano de 2012 - a partir da II Mostra de Cultura e Produção Associada ao Turismo e à Economia Solidária, que ocorreu concomitantemente ao II Encontro de Turismo de Base Comunitária

e Economia Solidária – II ETBCES, vinculado ao projeto de pesquisa-ensino-extensão Turismo de Base Comunitária no Cabula – TBC Cabula - tem se dedicado à construção e efetivação do seu regimento interno; organização e participação em feiras e mostras de cultura popular; cursos, num processo formativo e de auto-gestão. Inicialmente, em 2012, eram 52 mulheres, e na atualidade, o número está reduzido tendo em vista a necessidade de completo da renda familiar, tendo que atuarem como costureiras, faxineiras, dentre outras ocupações. Mas algumas persistem em manterem como principal atividade a sua produção artesanal.

O grupo Cultarte está inserido no contexto do projeto em desenvolvimento "TBC Cabula". Advoga-se que o TBC desponta como uma alternativa, um enfrentamento ao turismo convencional, que não leva em consideração as práticas tradicionais das comunidades, ao contrário serve apenas para manutenção da lógica capitalista. A contramare do turismo de base comunitária se dá na medida em que comunidade atua de maneira coletiva, em diálogo e colaboração.

Ao que se refere ao mundo do trabalho, as vulnerabilidades femininas não se situam apenas na relação de mercado, capital e salário. Elas se fundam no campo ideológico, nos estereótipos de gênero e na dupla jornada. Neste cenário, diferentes vulnerabilidades se cruzam e entrelaçam-se, além do gênero e da classe, existem fatores geracionais e de raça/etnia (CASTRO, 2001). Assim, "mulheres têm mais dificuldades em "converter" seus direitos formais em reais potencialidades, tanto por razões biológicas como pelo efeito de fatores socioculturais como a existência de normas sociais que lhes são desfavoráveis" (GUÉRIN, 2003, p.18).

Assim sendo, o TBC pode atuar no combate a feminização da pobreza, ao passo que se insere no contexto da economia solidária e possibilita concretizar práticas democráticas.

Durante os anos dessa pesquisa, estas mulheres vêm se apoderando do legado histórico-cultural de seus bairros, por meio de diálogos e interação com a equipe do projeto TBC Cabula, cadastrados no grupo de Pesquisa Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo – SSEETU. Afora isto, algumas destas mulheres do grupo Cultarte, vem diversificando suas atividades, a exemplo de hospedagem domiciliar e comunitária, demandadas pelos IV e V ETBCES, realizados em 2014 e 2015. Ressaltando que participaram de cursos específicos sobre a temática.

A seguir, apresentamos um perfil dessas mulheres, os dados foram obtidos pela aplicação de um questionário socioeconômico.

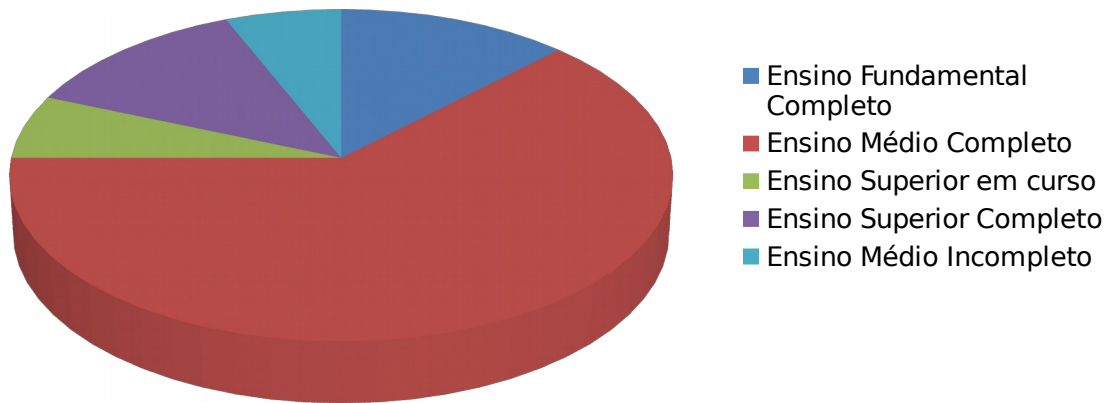


Gráfico 1 -

Bairros

Conforme o Gráfico 1, há concentração de mulheres do grupo Cultarte nos bairros de Pernambués e Arraial do Retiro. Em Pernambués, sempre predominou a maior participação da comunidade no projeto TBC Cabula, que teve sua origem em 2010, pelo fato de existir uma articuladora comunitária, voluntária deste projeto. Neste bairro, há registros de execução do maior número de roteiros turísticos alternativos, responsáveis, sustentáveis e solidários – RTUARSS, sendo o mais demandado, o roteiro “Horta Comunitária”. Já no Arraial a experiência se deu de modo similar com a presença de uma auxiliar de pesquisa residente na localidade, o que nos mostra a necessidade de constante articulação entre comunidade e universidade.

Escolaridades



Gráfico

o 2 – Atividade

As atividades desenvolvidas são diversas, como demonstram o gráfico 2. Todavia, uma predominância no artesanato. Por vezes, uma mulher presta mais de um serviço, e no geral combinam artesanato com outra atividade.

Renda

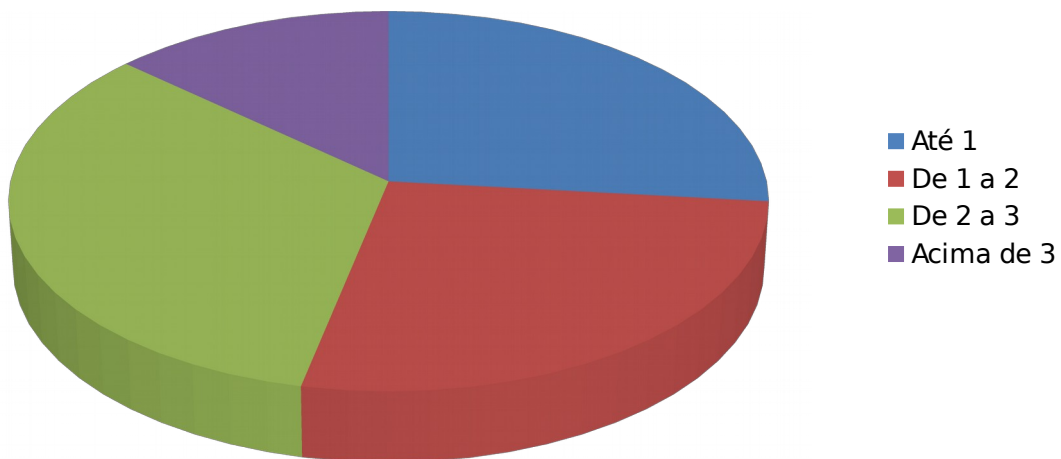
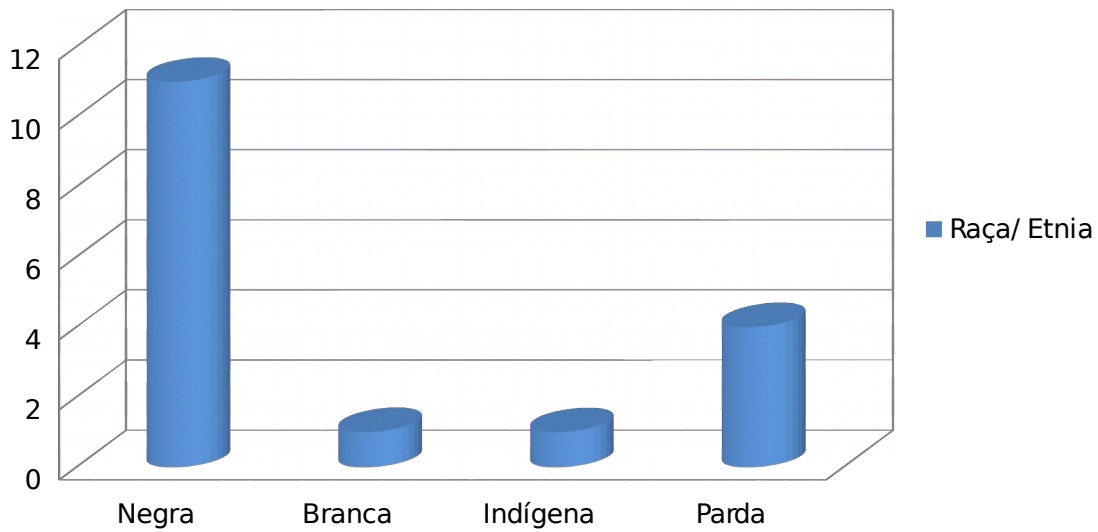


Gráfico 3 – Escolaridade

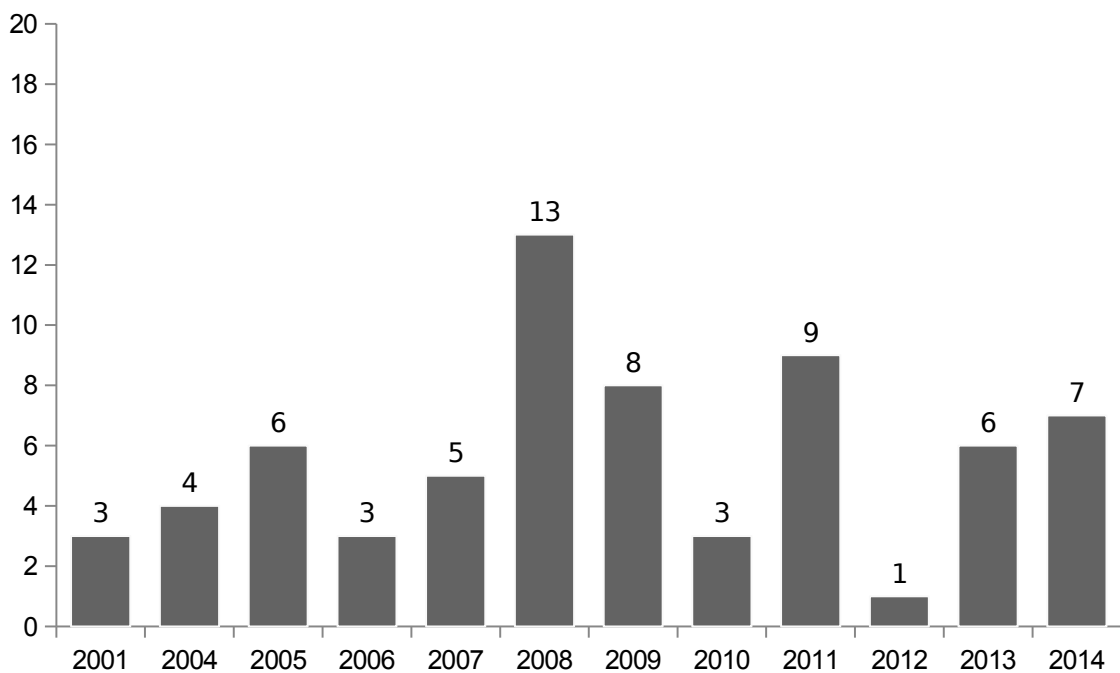
Majoritariamente, as mulheres possuem ensino médio completo. Menos frequentes são as com ensino superior completo.

Raça/ Etnia



Gráfico

4 - Renda *SM



Gráfi

co 5 - Renda/ Etnia

As mulheres do CULTARTE possuem renda mensal, conforme o Gráfico 4, em sua maioria, de até dois salários mínimos, se autodeclaram negras, de acordo com o Gráfico 5. Estão acima dos 40 anos de idade. Em sua maioria, não possui outras fontes de renda, com escolaridades até o ensino médio. Não se tem indicativo de uma religião predominante, pela diversidade existente na localidade. Naturais de Salvador e oriundas e residentes de bairros periféricos da capital.

Elas revelam que já desenvolviam atividades remuneradas, anterior a formação do Coletivo Cultarte. Todavia, o mesmo despontou em oportunidade de participação em feiras e eventos de economia solidária. No entanto, apontam para a dificuldade de profissionalização e inserção num mercado que por vezes é restrito.

Para compreender as redes constituídas por estas mulheres, nos debruçamos sobre o que elas nos revelam sobre o assunto, por meio das entrevistas.

Se é necessário estabelecer estratégias frente às vulnerabilidades que são postas seja pelo mercado produtivo ou reprodutivo, muitas vezes é a colaboração de outras mulheres ampliam as possibilidades. Eunice enfatiza o quanto aprendeu desde as primeiras peças e das práticas que mantém até hoje, inclusive como balizador das suas produções.

O crochê uma vizinha me ensinou. A filha da vizinha me ensinou. Quando a gente foi morar em Mata Escura. Mainha sai para trabalhar e ficava eu e os meninos. A gente tinha o tempo da escola. A gente brincava mais acha que eu tinha que fazer mais alguma coisa para ocupar o tempo, ai eu pedi a filha da vizinha. Ele me ensinou e eu aprendi com 9 anos. Mas eu só aprendi coisa de casa, toalha de pena, pano de liquidificador. Quando eu me interessei em aprender mais coisas, ai eu sai em busca olhando os que os outros faziam para eu fazer. Foi o caso do short, as blusas uma colega me ensinou. Teve essa ajuda de Sandra. Mas algumas peças que eu tinha dificuldade quando eu não tinha contato com Sandra. Eu ia para rua ver como o povo fazia. Porque elas estão na banca fazendo e eu ficava olhando para lá e para cá, como quem estava olhando alguma coisa, mas eu estava olhando elas fazerem. E quando eu chegava em casa eu mandava brasa, ia quebrando a cabeça e montava as minhas peças. E hoje tem a internet ai que ajuda bastante (Eunice).

Eu olhava o ponto fiz tudo, mas na hora do gancho não certei. Vi que tinha que ter uma técnica. Fui a Baixa do Sapateiro que tinha muito camelo e ai quando fui ver chegue lá olhar, reolhei, admirei. Cheguei lá fiz, e aprendi. Aprendi assim olhando. O crochê eu já sabia, mas a modelagem da roupa e para aprender a fazer o short eu tive que aprender a fazer. Porque a saia vc vai direto, mas o sorte precisa da divisão das pernas. E eu disse vou andar ou aí. Fui andando até que e vi como é. A internet tão era fácil. Hoje que você tem a internet. Mas, naquela época não tinha. Naquela época ia andando, tinha uma colega (Sandra) que me ensinou bastante e graças a deus. Sandra se mudou para Lauro de Freitas (Eunice).

Eu ficava olhando os preços, olhando os modelos. Até hoje eu não fiz o curso de precificação. Ao eu vou para cidade olho quanto tá. Eu olho a internet. Mas o preço tá a cima da média. Mas, tem imposto, ai fica um pouco alto. Mas eu me baseio pela região. Vou à Avenida Sete, vou nos camelôs que inda vende. Me informo, porque se ele vende por esse preço o meu também, poso vender meu por um preço maior (Eunice).

A relação com o outro pode dizer bastante sobre si:

Foi Valéria que me disse que eu era artesã, porque todo mundo que trabalha com arte é artesã (Eunice).

A aproximação pelo Cultarte se dá, em geral, pelo convite de Rosane, também conhecida como Rosa, articuladora comunitária voluntária do projeto, residente no bairro de Pernambues, como já mencionado.

Eu conheci o TBC fazendo um trabalho voluntario no Centro social urbano, ensinando reaproveitamento de resíduos sólidos,. Rosa chegou um dia e convidou para participar, falou para gente o que era o tbc e convidou para participar de uma reunião que teria no centro social a noite explicar o projeto e a visão deles de entrar no bairro. Eu fui, nem todos foram mas eu estava extremamente curiosa, gostei, passei a participar das reuniões, para fazer o regimento do Cultarte (Neia Estevan).

Conheci o TBC através de Rose. Rose convidou uma vizinha (Clarice), e como somos parceiras, de uma cooperativa que a gente entrou e não conseguiu dar continuidade. Aí Rose convidou essa colega e ela colega me convidou para o terceiro encontro (Eunice).

De modo geral, elas avaliam de maneira positiva a experiência com o Turismo de Base Comunitária e o Grupo Cultarte. Ainda que possamos perceber que o conhecimento a questões ligadas ao associativismo seja ainda pequeno, o TBC parece ampliar os horizontes de possibilidades destas mulheres.

Eu gosto do TBC, eu gosto do mesmo jeito que gostei da primeira vez que Rosa começou a falar. Eu acho o projeto muito encantador essa ideia de desfocar o turismo para certos pontos espalhados por toda cidade, eu acho muito bom não só pelo lucro que vai dar aos moradores a comunidade mas também para turismo que tá vindo conhecer a realidade de onde ele tá visitando. Ver tudo, ver a realidade de onde ele tá visitando. Porque a realidade Salvador não esta só nos pontos turísticos. E tem tanta coisa bonita, para que coisa mais bonita que a minha vista. Tanta coisa bonita aqui no bairro, nesse bairro, tanta gente talentosa, tanta gente boa. Acho que tem coisas que merecem serem vistas (Neia Estevan).

Eu vivia muito estressada antes do Cultarte, porque eu queria viver. Eu queria crescer. Eu queria poder me sustentar e eu não estava conseguindo. Estava dependendo dos filhos. As apostas que eu fiz eu precisava de outras pessoas, precisava de incentivos e não consegui. E aqui eu tô conseguindo, porque elo menos eu tenho meu espaço para trabalhar. Porque é cansativo, mas tô satisfeita. Tô aqui crescendo outras pessoas, passando número de telefone. Tô me informando de curso e coisas por ai que o governo tá oferecendo. Se eu tiver disponibilidade e tempo já vem aí curso que não sei se é o TBC e ou a ITCP que já conseguiu para nos e depende do interesse de cada um (Eunice).

O meu interesse era trabalhar a hospedagem. O pessoal temporário que vem passa uma semana, dois dias, um mês... o meu filho mais

velho não acreditava nisso. Quando eu me bandiei para o lado do mais novo. O mais novo é meio avoadado, e ela apostou mais no meu sonho. Através da UNEB. Francisca me falou que estava precisando. Eu procurei me informar como funcionava e o que tinha que fazer. Ajeitei o espaço que eu tenho na minha casa, ela foi até lá, em deu umas dicas do que eu poderia melhorar e ai mandei brasa, agilizei. Graças a deus o pessoal chegou, gostaram, estão muito satisfeitos (Eunice).

Eu acho o TBC bom, porque eu estou conseguindo chegar ao público. Porque eu não sou muito de sair de casa. Então, o público que meus filhos traziam para mim era pouco (Eunice).

Ademais, esse espaço é visto como possibilidade de aprendizagem, de troca e construções coletivas.

A troca de aprendizagem sempre constante (Neia Estevan).
Aprendemos uma com as outras até mesmo no olhar, no observar (Eunice).

4 CONCLUSÕES

Advoga-se que o estímulo ao desenvolvimento local pode se revelar com uma alternativa a feminização da pobreza. Nesta pesquisa o Turismo de Base Comunitária é meio de empoderamento de mulheres que durante muito tempo estiveram a margem da economia formal. O CULTARTE é um coletivo em formação, que em seus anos de atuação, vem fortalecendo a autônima das mulheres, num processo de autogestão e formação.

Percebemos que a atuação dessas mulheres ainda é embrionária e aponta para possibilidade de associação e coletivos em espaços urbanos, quando grande parte das iniciativas similares se dá no rural/campo envoltas em outras dinâmicas.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

CORIO LANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

CORIO LANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: Atores e Cenários**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

COSTA, J. S. M. ; PINHEIRO, Luana ; MEDEIROS, Marcelo ; QUEIROZ, Cristina . **A Face Feminina da Pobreza**: Sobre-Representação e Feminização da Pobreza no Brasil.. Brasília: Ipea, 2005 (Pub. Seriada: Texto para Discussão Ipea 1137).

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LOHMANN, Guilherme; NETTO, Alexandre Panosso. **Teoria do turismo**: conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SILVA, Francisca de Paula Santos da; SÁ, Natália Coimbra (orgs.). **Cartilha (in)Formativa do Turismo de Base Comunitária**, o ABC do TBC. Salvador: EDUNEB, 2012.

SILVA, Francisca de Paula Santos da.(org.). **Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo**: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabulo e entorno. Salvador: EDUNEB, 2013.